



ALGUMAS  
CONSIDERAÇÕES SOBRE  
O PARÁGRAFO 244 DAS  
*INVESTIGAÇÕES*  
*FILOSÓFICAS* DE  
WITTGENSTEIN

SOME CONSIDERATIONS ON PARAGRAPH 244 OF  
WITTGENSTEIN'S PHILOSOPHICAL INVESTIGATIONS

Priscilla da Veiga Borges<sup>1</sup>  
Universidade Federal de Goiás

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Filosofia e Professora da Universidade Federal de Goiás (UFG) - Câmpus Goiás.  
E-mail: [priscilla\\_veiga\\_borges@ufg.br](mailto:priscilla_veiga_borges@ufg.br).  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9399319040351510>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-0068-2863>.



**RESUMO:** No presente trabalho busca-se mostrar que Wittgenstein, a partir do parágrafo 244 das Investigações Filosóficas, no qual desenvolve “o argumento da linguagem da linguagem”, põe em questão alguns problemas relacionados ao modelo tradicional de atribuição de significação no que se refere às palavras para sensações. Segundo Wittgenstein, a partir de uma crítica ao pensamento de Frege exposto no parágrafo 26 da obra os Fundamentos da Aritmética, as palavras para sensações integram um comportamento, que é gradualmente ensinado e aprendido de modo intersubjetivo e, por conseguinte, tem um caráter público, não sendo gerado de forma individual e imediatamente pela ligação da palavra a amostras internas.

**Palavras-chave:** Palavra. Sensação. Dor. Linguagem Privada.

**ABSTRACT:** In the present work we seek to show that Wittgenstein, from paragraph 244 of the Philosophical Investigations, in which he develops “the argument from the language of language”, calls into question some problems related to the traditional model of attributing meaning with regard to words for sensations. According to Wittgenstein, based on a critique of Frege's thought exposed in paragraph 26 of the work The Foundations of Arithmetic, words for sensations are part of a behavior, which is gradually taught and learned in an intersubjective way and, therefore, has a public character, not being generated individually and immediately by linking the word to internal samples.

**Keywords:** Word. Sensation. Pain. Private Language.

## Introdução

No presente trabalho, busca-se apresentar como Wittgenstein, a partir do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, no famoso “argumento da linguagem privada”, trata alguns problemas filosóficos derivados da aceitação do modelo tradicional de significação em relação às palavras envolvendo sensações.

Durante o desenvolvimento do trabalho, vamos mostrar que partir da questão levantada no parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, há duas opções que Wittgenstein discute: uma relacionada à privacidade, e a outra, à fixação do significado de palavras para sensações.

A primeira delas – que Wittgenstein vai criticar – é a ideia de que a fixação do significado de termos subjetivos, como “dor” ou “verde”, é feita privadamente por uma amostra interna. Em outras palavras, cada um de nós teria uma amostra interna, portanto inacessível aos outros, das sensações, que configura aproximadamente o que compreendemos com as expressões “a sua dor”, “o seu verde” etc.

A segunda proposta, a que vamos discutir de forma mais detalhada ao longo do trabalho, é a proposta segundo a qual a fixação do significado das palavras relacionada às sensações se dá publicamente, através da concordância sobre atribuições intersubjetivas, situações estas envolvendo a percepção de cor, bem como envolvendo situações sobre sentir dor.

Nesse sentido, o objetivo específico do nosso trabalho será justamente explorar, de forma mais sistemática, o caso mais complexo, que, por sua vez, torna a posição subjetivista geralmente aceita, que é relativo à expressão “sentir dor”.

O presente trabalho está dividido em três partes. Na primeira parte, vamos apresentar o problema geral que pode ser inferido da pergunta básica presente no início do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*. Na segunda parte vamos utilizar como referência o pensamento expresso em uma obra de Frege, a saber, *Os Fundamentos da Aritmética*. Uma vez que, nessa obra é possível encontrar duas respostas à questão colocada por Wittgenstein no parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, qual seja, uma subjetiva, que Wittgenstein irá criticar, e uma intersubjetiva, que Wittgenstein irá subscrever. Por fim, na terceira parte, apresentaremos a resposta intersubjetiva à questão do parágrafo 244.



## 1 Apresentação geral do problema

Wittgenstein, no parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, faz a seguinte pergunta: “Como as palavras se referem à sensação?” (2000, p. 98). Esta pergunta, à primeira vista, parece ser relativamente simples. Ocorre que ela não é tão simples quanto parece, e não se trata de mera pergunta retórica. Ao contrário, ela reflete, em certa medida, o estilo empregado por Wittgenstein, ao longo das *Investigações Filosóficas*, ao tratar de temas complexos da tradição filosóficas de maneira condensada e hermética.

Ao longo da tradição filosófica consagrou-se a ideia de que o significado das palavras em geral ocorre por associação a objetos, sejam eles físicos, abstratos ou mentais. A palavra “cadeira”, por exemplo, tem significado na medida em que se refere a um determinado objeto, a saber, uma cadeira. Segundo essa tradição, no caso das sensações, como é o caso da palavra “dor”, o significado é determinado por associação ou referência à sensação de dor.

Os problemas que envolvem o modelo tradicional de significação, e que são trabalhados criticamente por Wittgenstein, nas *Investigações Filosóficas* e, mais precisamente, no parágrafo 244 e seguintes, passam pelo questionamento dos critérios de fixação do significado das sensações e o padrão de correção dos termos psicológicos, empregados pelo referido modelo.

Segundo o modelo tradicional, o caso das palavras associadas aos objetos físicos, critérios intersubjetivos de correção são plenamente possíveis, mas no caso da associação de palavras às sensações, não seria possível estabelecer tais critérios, pois os termos psicológicos se ligariam a amostras internas.

Nesse sentido, aceitar o modelo tradicional de significação para as palavras e termos envolvendo sensações, cujos critérios de significação são puramente subjetivos, levaria a um “ceticismo de conteúdo”<sup>2</sup>, uma vez que o acesso ao significado da palavra “dor”, por exemplo, ocorre por analogia ao que acontece conosco, sem parâmetros comparativos ou padrões de correção.

O “ceticismo de conteúdo”, por sua vez, leva a um ceticismo em relação às outras mentes, pois posso sempre pôr em dúvida, para além da questão sobre se o outro sente dores como eu ou se o outro possui uma mente como a minha. E para terminar o encadeamento de problemas envolvendo o referido modelo de significação, se admitirmos todos esses passos, estamos diante de um modelo de atribuição de significado que leva ao solipsismo.

---

<sup>2</sup> A expressão “ceticismo de conteúdo” é utilizada aqui para representar um tipo de ceticismo dentre os vários cenários possíveis de indagação cética. A expressão, historicamente atribuída ao argumento cartesiano do “gênio maligno” e ao experimento do “cérebro dentro da cuba” de Hilary Putnam (1981), traz como hipótese a impossibilidade de conhecer ou ter certeza do conteúdo dos nossos próprios pensamentos em relação às proposições sobre o mundo. (Disponível em: *Skepticism and Content Externalism* (Stanford Encyclopedia of Philosophy)).

Mas essa crítica de Wittgenstein ao modelo tradicional vai mais além e alcança até mesmo a posição contrária a esta, segundo a qual, os critérios de fixação do significado e o padrão de correção das palavras relacionadas às sensações devam ser mediadas exclusivamente pelo comportamento do falante. Pois os problemas céticos que rondam a posição tradicional também podem ser observados quando o único critério para a fixação do significado é o comportamento. A fixação de significado de uma palavra para sensação é parte de um amplo e complexo jogo de linguagem, ensinado e aprendido, e como tal, implica a existência de uma linguagem e situações anteriores à sensação individual, pertencendo, em última instância, a uma forma de vida.

## **2 Frege e o parágrafo 26 em os fundamentos da aritmética**

Wittgenstein, em um fragmento, deixou registrado algo curioso sobre a influência de Frege em seus trabalhos vejamos: “O estilo das minhas frases é influenciado por Frege de forma extraordinariamente forte. E se quisesse, podia estabelecer esta influência onde, à primeira vista, ninguém a veria” (1981, p. 155)

De fato, pensar em Frege influenciando Wittgenstein na temática das sensações parece realmente curioso, quando nos lembramos da face mais visível da influência de Frege no trabalho de Wittgenstein relacionado a lógica e filosofia da matemática.

Entretanto, Frege em *Os Fundamentos da Aritmética*, no § 26, traça uma semelhança entre número e cor que vamos explorar, no sentido de mostrar as posições de Frege a respeito da fixação do significado das sensações.

Assim, veremos no texto de Frege uma dupla posição: uma que opta pelos critérios subjetivos ou privados (que vamos chamar de posição mais tradicional, por ser frequentemente defendida ou pressuposta pelos filósofos ao longo da história da filosofia); e outra posição, que se pauta em critérios intersubjetivos e se aproxima das afirmações de Wittgenstein.

Nesse sentido, Frege irá propor inicialmente que a cor e os números são semelhantes por serem ambos “objetivos”. Frege, em sua argumentação sobre a “objetividade” dos números utiliza alguns exemplos para demonstrar que “o número não é um objeto da psicologia, ou um resultado de processos psíquicos [...]” (1974, p. 229).

No § 26 após argumentar em favor da “objetividade dos números” passa a compará-los com as cores, mas o seu argumento para as cores parte de uma distinção, segundo a qual, habitualmente as atribuições de cores são subjetivas e privadas, havendo, entretanto, um aspecto objetivo nestas

atribuições. Frege sustenta, portanto, uma dupla posição: ora a atribuição de cores é subjetiva e privada, ora é objetiva. Vejamos:

Habitualmente, "branco" faz-nos pensar em uma certa sensação, inteiramente subjetiva, é claro; mas já no uso ordinário da linguagem, parece-me, distingue-se freqüentemente um sentido objetivo. Quando se diz que a neve é branca, pretende-se uma qualidade objetiva que, à luz ordinária do dia, é reconhecida por uma certa sensação. Caso ela seja iluminada por uma luz colorida, isto deve ser levado em conta no momento do juízo. Dir-se-á talvez: ela agora aparece vermelha, mas é branca [...] (Frege, 1974, p. 230).

Desta forma, vemos que neste trecho do §26 de *Os Fundamentos da Aritmética*, Frege está agregando um componente alternativo importante: a fixação da palavra “branco” por critérios objetivos, apesar do destaque que é dado para os critérios subjetivos ou privados para a fixação da palavra branco, como no caso da neve iluminada por uma luz colorida.

Sendo assim, a posição de Frege parece ser a seguinte: habitualmente “branco” nos faz pensar critérios subjetivos ou privados, mas, no uso da linguagem, é possível distinguir um sentido objetivo para a palavra branco. Na proposição “A neve é branca” pretende-se exprimir uma qualidade objetiva da neve, mas se no momento do juízo essa mesma neve for iluminada por uma luz colorida, deve-se levar em consideração a percepção colorida da neve. Ou seja, para além da representação subjetiva, há a representação objetiva das cores.

Em nossa leitura, o que Frege está querendo dizer é que até mesmo uma pessoa que não possua a capacidade de perceber as cores como as demais pessoas, como é o caso das pessoas portadoras de daltonismo, pode participar do jogo de linguagem, justamente em razão do aspecto objetivo das representações das cores. Vejamos o seguinte trecho:

[...] Também um daltônico pode falar de vermelho e verde, embora não diferencie estas cores nas sensações. Ele reconhece a diferença por outros o fazerem, ou por meio de uma investigação física. Assim, uma palavra para cor frequentemente não designa nossa sensação subjetiva, da qual não podemos saber se coincide com a de outrem – pois claramente a mesma denominação não é em absoluto uma garantia – mas uma qualidade objetiva (Frege, 1974, p. 230).

Fazendo uso do exemplo de Frege, deve-se ter em vista que embora um daltônico não possa diferenciar vermelho e verde, é possível que ele reconheça a diferença por outros meios. Este podem ser pautados em uma investigação física, utilizando um medidor de frequência, por exemplo; ou pelo reconhecimento da diferença feito por outras pessoas, pois o que será crucial na atribuição de significado das palavras relacionadas às cores, não será percepção subjetiva das cores, mas a fixação objetiva.



Aqui podemos compreender a posição de Wittgenstein, que é uma posição que radicaliza a leitura de Frege, pois, para Wittgenstein, toda fixação para as palavras relacionadas às sensações é intersubjetiva. Nesse sentido, Wittgenstein aceita parte da interpretação de Frege, mas para o autor das *Investigações Filosóficas*, não há que se falar em representações subjetivas / privadas, pois todas as representações e fixação do significado são intersubjetivas conforme veremos na última parte do presente trabalho.

Desse modo, defenderemos que Wittgenstein, ao tratar da fixação do significado das palavras relacionadas às sensações no argumento da linguagem privada, a partir do §244, não aceitará a proposta de fixação subjetiva, privada. O modo pelo qual Wittgenstein responde à questão pressupõe a intersubjetividade na fixação do significado das palavras referentes às sensações.

Nas últimas linhas do parágrafo 243 das *Investigações Filosóficas*, por exemplo, Wittgenstein apresenta um sentido forte de incomunicabilidade que caracteriza a fixação privada do sentido. No mencionado parágrafo, ao caracterizar a fixação privada do sentido, sob a qual recairá um argumento por redução ao absurdo, Wittgenstein diz “[...] As palavras dessa linguagem devem referir-se àquilo que apenas o falante pode saber, às suas sensações imediatas, privadas. Um outro, pois, não pode compreender esta linguagem” (2000, p. 98).

O que Wittgenstein diz sobre a fixação privada do sentido das palavras relacionadas às sensações, não deixam dúvidas que estamos diante de uma incomunicabilidade em princípio, ou seja, uma necessária incomunicabilidade. O outro necessariamente não pode compreender o que eu chamo de “verde” ou “vermelho”, ou ainda o que eu chamo de “dor de dente”.

A ideia de uma fixação privada do sentido das palavras relacionadas às sensações, ou seja, a possibilidade de que o outro possa individualizar sensações por elementos que não são compartilháveis publicamente, condiciona a possibilidade da dúvida sobre se o que eu sinto coincide com o que o outro sente, que por sua vez, corresponde a duvidar se a cor branca vista por outra pessoa coincide com o que eu penso ser a cor branca.

Vemos isso, ao longo do “argumento da linguagem privada”, pois somos conduzidos a compreender a possibilidade de uma linguagem privada como absurda, assim como seria absurdo responder ao cético em suas indagações, pois elas contemplam a possibilidade da fixação privada do sentido. Uma vez descartada tal possibilidade por redução ao absurdo, então as dúvidas do cético também não fazem mais sentido.

E isso se dá porque Wittgenstein está sempre preocupado com questões muito básicas relacionadas ao próprio funcionamento da linguagem. Neste sentido, ele sabe que o preço a se pagar pela posição subjetiva leva a erros sistemáticos.

Assim, o problema da incomunicabilidade gerado pela linguagem supostamente privada é apenas um dos erros de uma longa cadeia de erros. A linguagem supostamente privada, cuja a fixação dos termos passa pela atribuição subjetiva, supõe que cada indivíduo possua a sua própria amostra interna dos objetos, segundo a qual, ocorre a fixação do sentido das palavras para as sensações.

Nessa perspectiva, cada pessoa atribui privadamente sentido às palavras de acordo com o seu próprio caso. Wittgenstein utiliza um experimento de pensamento conhecido como o “besouro na caixa”, desenvolvido no parágrafo 293 das *Investigações Filosóficas*, para ilustrar essa fixação privada de significado. Vejamos:

[...] Suponhamos que cada um tivesse uma caixa e que dentro dela houvesse algo que chamamos de “besouro”. Ninguém pode olhar dentro da caixa do outro; e cada um diz que sabe o que é um besouro apenas por olhar *seu* besouro. – Poderia ser que cada um tivesse algo diferente em sua caixa. Sim, poderíamos imaginar que uma tal coisa se modificasse continuamente. – Mas, se a palavra “besouro” tivesse um uso para estas pessoas? – Neste caso, não seria o da designação de uma coisa. A coisa na caixa não pertence, de nenhum modo ao jogo de linguagem nem mesmo como um *algo*: pois a caixa poderia estar vazia” [...] (Wittgenstein, 2000, p. 107).

Segundo nossa leitura, o experimento consiste em supor que cada pessoa possui uma caixa com um besouro dentro e apenas conjecturasse que a outra pessoa também tem um besouro a partir de sua própria caixa, pois, as pessoas não podem ver ou ter acesso as caixas uma das outras.

O experimento do “besouro na caixa”, mostra, dentre outras coisas, que o sentido comunicacional de uma palavra definida a partir de amostras internas, de forma subjetiva, portanto, dá abertura para uma série de questionamentos céticos. Pois se cada pessoa atribuir significado a uma palavra a partir de seu próprio caso, supondo uma amostra interna, ou conforme a terminologia de Wittgenstein no experimento, supondo ter um besouro dentro da caixa, não há garantias de que a outra pessoa também tenha um besouro dentro de sua própria caixa.

Por exemplo, tomemos o caso da palavra “dor”. Se admitirmos, por hipótese, que o significado da palavra “dor” será determinado a partir da dor que ocorre no falante quando este grita ao pisar em um prego, abrimos um precedente para que toda pessoa que sinta “dor” estabeleça o significado da palavra “dor” a partir do seu próprio caso. Nesse sentido o questionamento cético será implacável, pois o cético poderá questionar qual é o significado que faz sentido dentre os múltiplos significados estabelecidos privadamente para a palavra “dor”.

Nessa perspectiva, temos também o problema da ostensão, pois apontar internamente para a sensação de “dor” não faz sentido, e abre espaço, mais uma vez, para o cético que poderá questionar se a dor que o falante sentiu ontem é a mesma que ele sentiu hoje (ceticismo de conteúdo), uma vez que é incerta a referência ou o padrão de correção para a palavra “dor”.

Na dupla visão de Frege sobre a fixação da palavra “branco”, a fixação subjetiva é a fixação que causa esta confusão, pois do ponto de vista objetivo e intersubjetivo haveria acordos públicos sobre o significado da palavra “branco”, não havendo espaço para a suposição de um “branco” interno para cada pessoa.

Nesse sentido, o fundamental é que a fixação das palavras relacionadas às cores, não ocorra de forma subjetiva, isto é, de acordo com a percepção de cada pessoa. Pelo contrário, a comunicação é plenamente restabelecida, uma vez que as palavras são reinterpretadas de acordo com o uso consensual e regular das palavras sobre cores.

### **3 Wittgenstein e a resposta intersubjetiva à questão do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas***

Wittgenstein, na segunda parte do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, diz que: “[...] Esta é uma possibilidade: palavras são ligadas à expressão originária e natural da sensação, e colocadas no lugar dela. Uma criança se machucou e grita; então os adultos falam com ela e lhe ensinam exclamações e, posteriormente, frases. Ensinam à criança um novo comportamento perante a dor” (2000, p. 98).

Nesse trecho, vemos Wittgenstein narrando a maneira pela qual uma criança aprende a falar sobre a sensação de dor. Em nossa leitura trata-se de uma narrativa sobre o uso da linguagem relacionado ao sentir dor, oferecida por Wittgenstein em resposta aos questionamentos de seu interlocutor feitos na primeira parte do parágrafo 244.

Assim diante das perguntas “Como as palavras se referem a sensações?”, “[...] como é estabelecida a ligação entre o nome e o denominado?”, “[...] como um homem aprende o significado dos nomes de sensações?”, Wittgenstein oferece uma possibilidade ou alternativa não baseada no modelo referencial tradicional (palavra-objeto) e claramente de caráter intersubjetivo.

Uma vez que, nessa possibilidade, a criança é ensinada por terceiros a usar os variados usos da palavra “dor” por substituição do comportamento álgico como, por exemplo, quando ela grita e geme. Importante notar que esses terceiros são adultos, ou seja, são pessoas que possuem um domínio da linguagem articulada que a criança não possui.

Nesse sentido, a linguagem sobre o sentir dor é apresentada como parte integrante de um comportamento, que é gradualmente ensinado, e não é gerado individualmente e imediatamente pela ligação da palavra à amostras internas. E assim a dor passa a ser identificada e reconhecida pela criança que recebeu esses ensinamentos no uso da linguagem.



Todas essas características, presentes nesse trecho do parágrafo 244, levam diretamente para o conceito wittgensteiniano de “jogo de linguagem”<sup>3</sup> presente no parágrafo 23 das *Investigações Filosóficas*. A possibilidade levantada por Wittgenstein na segunda parte do parágrafo 244 passa pela compreensão do comportamento álgico não só como um conjunto de comportamentos naturais, como gritar e o gemer, mas também como um conjunto de atividades linguísticas voltadas para o ensino e aprendizagem, uma vez que o comportamento natural diante do sentir dor é gradualmente substituído por expressões que são igualmente ensinadas de forma gradual.

A ideia de “jogo de linguagem” aplicada ao “sentir dor”, por sua vez, remete-nos a várias situações de utilização da palavra “dor”. A situação em que uma criança pequena se machuca e chora, não deixa dúvidas de que se trata de uma situação completamente distinta da situação em que estamos no teatro e vemos um ator que simula ou finge teatralmente que está sentindo dor ao representar seu personagem. Esta situação é também é distinta da situação em que brincando com crianças pequenas, dizemos que seres inanimados sentem dor.

Enfim, nem sempre a palavra “dor” é utilizada com a ocorrência de dor. Há situações em que se atribui o comportamento álgico a pessoas que não estão sentindo dor (situações em que ocorre o enunciado sobre a dor, mas não ocorre a injúria de tecidos) bem como quando se atribui dor a seres inanimados, por exemplo. “[...] Sim; dizemos de seres inanimados que eles têm dor: brincando com bonecas, por exemplo. Mas este emprego do conceito de dor é secundário. Imaginemos o caso em que se dissesse apenas de seres inanimados que eles têm dor; e que nos compadecêssemos *apenas* de bonecas! [...]” (Wittgenstein, 2000, p. 105).

Embora todas as situações narradas sejam distintas, seja a da criança que se machuca e chora, a do ator em uma peça de teatro, a de brincadeira com bonecas etc. todas são “jogos de linguagem” sobre o “sentir dor”. Tais situações são marcadas por um comportamento álgico, embora a ocorrência de dor não possa ser verificada em todas as situações narradas, como é o caso da brincadeira de bonecas e do ator de uma peça de teatro.

A questão que surge nesse contexto é justamente saber em que medida o comportamento álgico é importante para a identificação da ocorrência da dor nos variados jogos de linguagem sobre o sentir dor. Além disso, pode-se perguntar em que medida o comportamento álgico deve estar relacionado à injúria de tecidos para que possamos avaliar a ocorrência da dor. Vejamos:

Mas o que você diz não depende de que não haja, por exemplo, dor sem o *comportamento de dor*? – Isto depende de apenas se possa dizer de um ser humano

---

<sup>3</sup> “[...] O termo “*jogo de linguagem*” deve aqui salientar que o falar da linguagem é uma parte de uma atividade ou de uma forma de vida” (Wittgenstein, 2000, p. 35, § 23).



vivo, ou do que lhe seja semelhante (se comporte de modo semelhante) que ele tenha sensações; veja; seja cego; ouça; seja surdo; esteja consciente ou inconsciente.

[...]

Apenas aquilo que se comporta como um ser humano, pode-se dizer que *tem* dores (Wittgenstein, 2000, p.104; p. 105).

O comportamento algíco surge nesse contexto do jogo de linguagem sobre o “sentir dor”, como o aspecto mais importante a ser considerado, uma vez que, através do aprendizado e ensino gradual desenvolvidos por terceiros, o significado da palavra “dor” é fixado intersubjetivamente, fazendo-nos distinguir todas as situações que envolvem essa palavra nos mais variados jogos de linguagem sobre o “sentir dor”.

Comportamento algíco surge, nesse contexto, como condição de possibilidade, ou seja, como um padrão de correção para distinguir quando ocorre dor e quando não ocorre dor nos incontáveis usos da palavra “dor” nas práticas linguísticas.

Já a injúria de tecidos, ou a localização da dor, não se apresenta como o mais fundamental para a distinção entre os jogos de linguagem sobre o sentir dor. Embora seja importante constatar o local em que uma pessoa sente a dor, uma pessoa pode gemer ou gritar, sem necessariamente ter um machucado, como é o caso das dores em membros fantasmas.

O enunciado sobre dor de um paciente amputado faz tanto sentido quanto o enunciado de dor de um paciente não amputado. Médicos e enfermeiros sabem disso e agem com toda diligência nos primeiros casos empregando técnicas e tratamentos disponíveis para o controle da dor no membro fantasma. Desconsiderar a reclamação de dor de um paciente amputado sob a alegação de que não é possível localizar o local da injúria de tecidos, além de ser um erro filosófico, seria também antiético.

Em nossa leitura, o que Wittgenstein está tentando dizer é justamente que a ausência do comportamento algíco acarretaria o colapso da linguagem sobre dores e sofrimento, assim como ocorreria o colapso nas atribuições de cores, se não houvesse a concordância sobre o que seja a palavra “verde”.

A exemplo disso, na primeira parte do parágrafo 257, Wittgenstein pede para imaginarmos uma sociedade em que as pessoas não exteriorizassem suas dores, seja por gestos ou expressões faciais e na sequência faz uma afirmação no sentido de que não seria possível para essa sociedade, ensinar uma criança sobre o uso da palavra “dor de dentes”. Vejamos:

Como seria se as pessoas não exteriorizassem (não gemessem, não contraíssem o rosto) as suas dores? Então, não seria possível ensinar a uma criança o uso da expressão dor-de -dentes. – Bem, suponhamos que a criança é um gênio e inventa ela própria um nome para a sensação! – Mas então com esta palavra ela não poderia fazer-se compreender [...] (Wittgenstein, 2008, pp. 341-342).

Imaginar uma criança sendo criada para não expressar sensações, mesmo sendo esta criança um gênio, não teria condições de nomear uma sensação e muito menos criar uma linguagem que tenha sentido, justamente pela importância do comportamento álgico como padrão de correção para os jogos de linguagem sobre o sentir dor. O resultado do experimento aponta não só para a impossibilidade da linguagem privada, mas também para o caráter público e intersubjetivo relativo à aquisição da linguagem.

Segundo Wittgenstein, mesmo aceitando, por hipótese, a possibilidade de a criança ser um gênio, e que ela descubra por si própria um suposto nome para uma determinada sensação, ela não será capaz de ensinar o seu significado para ninguém conforme vimos na primeira parte do parágrafo 257. Se o aprendizado da linguagem ocorreu supostamente de maneira inata ou privada, não estaria disponível, para a criança gênio, os recursos linguísticos compartilhados pela comunidade de falantes.

Assim, mesmo que por hipótese, se ela conseguir denominar uma sensação por si mesma, esse “significado” não teria sentido e todo jogo de linguagem envolvendo essa palavra colapsaria.

Nesse exemplo da primeira parte do parágrafo 257, há ainda o problema do tempo, pois a dificuldade não é apenas de como compartilhar com os outros o significado de uma certa sensação "S". O problema também implica como compartilhar consigo mesmo aquele significado. Neste caso, pode-se levantar a seguinte pergunta: o que quer que fixe o significado para um autoatribuidor no instante em que ele sente a dor, também fixa o significado para todos os outros?

Wittgenstein explora essa temática não só no caso da criança gênio, mas também em outros casos que veremos no próximo tópico, onde continuaremos a trabalhar a ideia que já inferimos a partir da primeira parte do parágrafo 257: faltaria para criança gênio, padrões de correção públicos até mesmo para demonstrar que ela aprendeu sozinha o nome para determinada sensação.

No próximo tópico, vamos então dar continuidade a essa temática explorando a questão temporal envolvida no comportamento álgico enquanto padrão de correção, sempre tendo presente que a ausência do comportamento álgico acarretaria um colapso nos enunciados sobre o sentir dor.

### **3.1 A temporalidade no comportamento álgico**

No tópico passado, vimos a segunda parte do parágrafo 244, em que Wittgenstein apresenta a seguinte possibilidade para definição de significado para as palavras relacionadas às sensações: no jogo de linguagem sobre o “sentir dor”, terceiros ensinam gradualmente para as crianças substituir as manifestações naturais de dor, como o grito e o gemido, por palavras tais como “ai”, “dor de dente” etc.



Para entender melhor essa ideia de substituição gradual do comportamento natural por expressões, na segunda parte do parágrafo 257 das *Investigações Filosóficas*, Wittgenstein diz que, quando se ensina para a criança o sentido da expressão “dor de dente”, estamos denominando a dor e para que isso aconteça, *já deve haver muita coisa preparada na linguagem*, ou seja, a criança já deve ter o domínio de outros contextos e tempos linguísticos que permitam a compreensão da expressão “dor de dente”.

[...]- Assim, pois, ela compreende este nome, mas não pode ensinar o seu significado a ninguém? - Mas o que significa o fato de ‘ter denominado sua dor’? - Como fez para denominar a dor?! E, seja o que for que tenha feito, que espécie de finalidade tem? - Quando se diz: “Ele deu um nome à sensação”, esquece-se o fato de que *já deve haver muita coisa preparada na linguagem, para que o simples denominar tenha significação* [...] (Wittgenstein, 2000, p. 101, grifos nossos).

Por exemplo, considerando o português falado no Brasil, crianças muito pequenas, quando sentem dor, são ensinadas a utilizar a expressão genérica “dodói”. Desta forma, qualquer tipo de dor, seja dor de dente, dor de barriga, dor de cabeça etc., será enunciada pela criança pequena como “dodói”. Posteriormente, com a passagem de tempo e aquisição de melhor domínio linguístico, os adultos ensinam formas mais específicas para denominação da sensação de dor, então as crianças passam a se expressar de modo mais específico o que sentem como “dor de dente”, “dor de barriga”, “dor de cabeça” etc.

O ponto importante nessa ideia de substituição gradual do comportamento de dor por expressões sobre o sentir dor é a passagem de tempo e a intersubjetividade envolvida nessa possibilidade de fixação do significado das palavras sobre a sensação de dor. Uma vez que a significação das expressões “dor de dente”, “dor de barriga” etc. não se dá de forma imediata para a criança, ela precisa de tempo e domínio de outros contextos linguísticos para substituir o seu grito de dor por uma expressão.

Conforme vimos no tópico anterior, Wittgenstein, na primeira parte do parágrafo 257, radicaliza essa ideia dizendo que mesmo que uma criança seja um gênio e descubra por ela mesma o nome de uma sensação, ou seja, descubra de forma subjetiva, ela não poderia compreender esta palavra.

O exemplo da criança gênio é um exemplo de fixação subjetiva e imediata do significado das palavras sobre sensações, em que está pressuposto que ela aprende a denominar as sensações não com a ajuda de terceiros, mas por ela mesma, de forma imediata, como se ela tivesse amostras internas ou conceitos na mente que a ajudassem nesse processo de denominar a dor.

Vimos também no tópico passado que se fosse possível essa fixação subjetiva de significado pela criança gênio, uma consequência dessa fixação seria a própria incomunicabilidade, pois ela não saberia o significado que acabara de atribuir à sensação e também não poderia ensinar a ninguém, em virtude da ausência de um padrão de correção para a sua linguagem.

Chegamos assim, ao problema central do chamado Argumento da Linguagem Privada, que Wittgenstein desenvolveu ao longo dos parágrafos 244 a 315 das *Investigações Filosóficas*: se a fixação do significado das palavras relacionada às sensações fosse subjetivo e ocorresse de forma imediata pela ligação da palavra à amostras internas, como quer a tradição filosófica, estaríamos diante de um cenário de incomunicabilidade radical. Neste caso, não teríamos parâmetros para saber o significado das sensações e nem mesmo para ensinar aos outros, ou seja, para comunicar aos outros.

Wittgenstein ao longo dos parágrafos 244 - 315 das *Investigações Filosóficas*, trata o problema da incomunicabilidade da linguagem privada através de vários exemplos e experimentos como é o caso da criança gênio que acabamos de mencionar, mas o experimento paradigmático do tema é o experimento do diário sobre a sensação “S” no parágrafo 258, no qual também podemos observar o problema da temporalidade. Vejamos:

Consideremos este fato. Quero escrever um diário sobre a repetição de uma certa sensação. Para tanto, associao-a com o signo “S” e escrevo este signo num calendário, todos os dias em que tenho a sensação. - *Observarei, primeiramente, que uma definição do signo é impronunciável.* - Mas posso dá-la a mim mesmo como uma espécie de definição ostensiva! - Como? Posso apontar para uma sensação? - Não no sentido habitual. Mas falo ou escrevo o signo e ao fazê-lo concentro minha atenção na sensação; - aponto, pois, como que interiormente, para ela [...] (Wittgenstein, 2000, p. 101, grifos nossos).

No experimento, Wittgenstein pede para imaginarmos alguém querendo escrever um diário sobre a repetição de uma certa sensação. Para tanto, passa a escrever em um calendário todas as vezes que a sensação aparece e a associa ao signo “S”. O que esta pessoa está tentando fazer é estabelecer por si mesmo, sem a ajuda de terceiros, a significação de uma determinada sensação de forma imediata pela ligação de um signo à amostras internas.

A consequência de tal tentativa não poderia ser mais infrutífera: a primeira constatação do experimento é justamente sobre a incomunicabilidade da sensação “S”, uma vez que uma definição do signo “S”, segundo Wittgenstein, seria impronunciável.

Na sequência, o autor do diário tenta estabelecer uma espécie de definição ostensiva interna para todas as vezes que a sensação aparecer, não apontando, mas falando e escrevendo, concentrando assim sua atenção na sensação a fim de identifica-la no momento da sua ocorrência. Mas o resultado dessa tentativa é tão infrutífero quanto o da primeira, pois mais uma vez está ausente o critério de



correção e o autor do diário conclui que não tem nenhum critério para a correção. Vejamos esse trecho na parte final do parágrafo 258:

[...] – Mas para que esse ritual? Pois parece ser apenas isto! Uma definição serve para estabelecer a significação de um signo. – Ora, isto se dá precisamente pela concentração da atenção; pois, desse modo, gravo em mim mesmo a ligação do signo com a sensação. – “Gravo-a em mim mesmo” pode significar apenas: este processo faz com que no futuro me recorde *corretamente* da ligação. Mas, em nosso caso, *não tenho nenhum critério para a correção*. Poder-se-ia dizer aqui: correto é aquilo que sempre me parece correto. E isto significa apenas que aqui não se pode falar de ‘correto’ (Wittgenstein, 2000, p. 101, grifos nossos).

Nas duas tentativas do experimento, podem ser verificadas a ausência de um padrão de correção para identificar a sensação, e o autor do diário, no final do experimento, conclui também que nesse caso não se pode falar de “correto”. Ora, não se pode falar porque ele não consegue diferenciar o correto do incorreto em relação à ocorrência da sensação, seja essa ocorrência relativa ao presente ou ao futuro.

Assim, tanto no exemplo da criança gênio, quanto no caso desse experimento da anotação do diário da sensação “S”, Wittgenstein demonstra que a fixação subjetiva e imediata de significado das palavras para as sensações é muito problemática, acarretando problemas filosóficos, como é o caso do ceticismo de conteúdo, em que, sobretudo, a incomunicabilidade seria sem dúvida o maior dos problemas.

## Considerações finais

O presente trabalho teve como eixo central as perguntas que surgem na primeira parte do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas* quais sejam, “Como as palavras *se referem* a sensações?”; “[...] como é estabelecida a ligação entre nome e nomeado?”; “[...] como um homem aprende o significado dos nomes de sensações?” (Wittgenstein, 2000, p. 98).

Segundo uma máxima de Wittgenstein, segundo a qual, é possível estabelecer a influência de Frege onde à primeira vista ninguém vê (Wittgenstein, 1967; 1981, §712), buscamos explorar uma possível conexão entre o § 26 da obra *Os Fundamentos da Aritmética*, e a discussão encadeada pela pergunta do § 244 das *Investigações Filosóficas*, para encontrar respostas a tal questão.

Segundo a abordagem de Frege, no §26 da obra *Os Fundamentos da Aritmética*, a respeito da fixação do significado da palavra “branco”, se ele estivesse respondendo às questões do parágrafo 244 da *Investigações Filosóficas*, certamente encontraríamos duas respostas, uma subjetiva e outra objetiva.

Vimos então que o duplo significado quanto à fixação das sensações proposta por Frege, são incompatíveis com a abordagem filosófica proposta nas *Investigações Filosóficas*, por Wittgenstein.

Assim, na segunda parte do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, como alternativa a uma resposta subjetiva às perguntas feitas no início do parágrafo, a linguagem sobre o sentir dor é apresentada por Wittgenstein como parte integrante de um comportamento, que é gradualmente ensinado, e não é gerado individual e imediatamente pela ligação da palavra a amostras internas.

Observamos que o que Wittgenstein chama de “possibilidade”, na segunda parte do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, é na verdade uma forma alternativa de abordar a conexão entre palavras e sensações, em que a criança é ensinada por terceiros a usar os variados usos da palavra “dor” por substituição do comportamento álgico como o gritar e gemer de forma gradual. E, assim, a dor passa a ser identificada e reconhecida pela criança que recebeu esses ensinamentos no uso da linguagem.

Todas essas características, presentes nesse trecho do parágrafo 244, nos levam diretamente para o conceito wittgensteiniano de “jogo de linguagem” presente no parágrafo 23 das *Investigações Filosóficas*, pois nas mais variadas situações sobre o sentir dor, como na situação em que uma criança pequena se machuca e chora, ou na situação em que, no teatro, um ator que simula ou finge que está sentindo dor ao representar seu personagem, é possível constatar um modo específico de comportamento e de expressões entre os falantes sobre o mundo.

Essa foi a primeira de uma série de conclusões a partir da análise da segunda parte do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*. Wittgenstein, portanto oferece uma possibilidade ou alternativa não baseada no modelo referencial tradicional (palavra-objeto) e claramente de caráter intersubjetivo. A série de conclusões que mencionamos podem ser assim explicitadas:

- A. Em relação à conexão palavra – sensação, Wittgenstein elucida que o nome de uma sensação não se refere, mas é uma expressão que aprendemos a substituir por nossas reações naturais como o gemer e o gritar;
- B. Em relação à aquisição da linguagem sobre as sensações, vemos que é no contexto intersubjetivo de aprendizado gradual do uso de expressões sobre as sensações que a criança adquire o significado de tais expressões, e não nomeando sozinha as sensações, como se possuísse uma linguagem inata e privada;
- C. Desta forma, a análise sobre o “sentir dor”, estabelecerá um afastamento da noção referencial ou relacional, possibilitando o surgimento de um significado para o conceito de sensação de dor, que não seja baseado na ideia de um objeto interno, cujo acesso só é possível para o sujeito portador da dor.

Para além das conclusões apresentadas em “a”, “b” e “c”, é possível afirmar que, nessa possibilidade apresentada por Wittgenstein, o comportamento álgico surge nesse contexto do jogo de linguagem sobre o “sentir dor”, como o aspecto mais importante a ser considerado, uma vez que ele

pode ser entendido como condição de possibilidade, ou um padrão de correção, não só para distinguir, quando ocorre dor e quando não ocorre dor nos incontáveis jogos de linguagem envolvendo a palavra “dor”, mas principalmente para evitar o colapso nas atribuições de dor.

Com o afastamento da resposta subjetiva à questão do parágrafo 244 das *Investigações Filosóficas*, a injúria de tecidos, ou a localização da dor, não se apresentou como o mais fundamental para a distinção entre os jogos de linguagem sobre o sentir dor. Uma vez que, para a resposta intersubjetiva, não é fundamental verificar onde ocorre a dor e sim como o falante se expressa sobre a dor. Pois se fossemos considerar o local da dor teríamos problemas filosóficos envolvendo o ceticismo, mas principalmente problemas de ordem ética, pois seria um absurdo um médico não atender um paciente amputado que grita e geme de dor, sob a alegação de que o local doloroso está amputado.

E, por fim, e não menos importante, vimos que, tendo em vista a ideia de substituição gradual do comportamento natural por expressões, observamos que há uma temporalidade envolvida na ideia de comportamento álgico.

Fundamentados na segunda parte do parágrafo 257 das *Investigações Filosóficas*, em que concluímos que, quando se ensina para a criança o sentido da expressão “dor de dente”, a criança deve ter o domínio de outros contextos e tempos linguísticos que permitam a compreensão da expressão “dor de dente”, e isso implica a passagem de tempo. Em outras palavras, as fixações das palavras sobre sensações não ocorrem de forma imediata como supõe a resposta subjetiva.

Para fundamentar esse posicionamento, criamos uma espécie de lista de exemplos a partir dos parágrafos 257 a 258 das *Investigações Filosóficas* que podem demonstrar os problemas causados por uma fixação subjetiva e imediata do significado. Assim tanto no exemplo da criança gênio (§257 IF), quanto no experimento da construção do diário da sensação “S” (§258 IF), Wittgenstein demonstra que a fixação subjetiva e imediata para as palavras para as sensações é muito problemática, acarretando problemas filosóficos como é o caso do ceticismo e da incomunicabilidade.

Recebido em: 02/06/2024

Aceito em: 14/09/2024

Publicado em: 28/10/2024



## REFERÊNCIAS

- DAVIDSON, Donald. First Person Authority. *In: Subjective, Intersubjective*. Clarendon Press, Oxford, 2001, pp. 3-14.
- DAVIDSON, Donald. The Second Person. *In: Subjective, Intersubjective*. Clarendon Press, Oxford, 2001, pp. 107-122.
- FREGE, Gottlob. Fundamentos da Aritmética *In: Os pensadores*. Tradução de Luis Henrique dos Santos. São Paulo: Abril Cultural, 1974, pp. 229-331.
- FREGE, Gottlob. *Investigações Lógicas*. Org. trad. e notas de Paulo Alcofrado. Porto Alegre: EDI-PUCRS, 2002.
- KRIPKE, Saul. Wittgenstein: on rules and private language. Cambridge; Massachusetts: Harvard University Press, 1982.
- McKinsey, Michael. Skepticism and Content Externalism. *In: ZALTA, Edward N.; NODELMAN, Uri (eds.). The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Spring 2024 Edition. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2024/entries/skepticism-content-externalism/>. Acesso em: 11 out. 2023.
- STERN, David G. *As Investigações Filosóficas de Wittgenstein: uma introdução*. Tradução: Marcelo Carvalho e Fernando L. Aquino. São Paulo: Annablume, 2012.
- STERN, David G. Tracing the Development of Wittgenstein Writing on Private Language. *In: Wittgenstein after his Nachlass*. Nuno Venturinha (ed.) 1ª. ed. [New York]: Palgrave Macmillan, 2010, pp. 111 -127.
- WITTGENSTEIN, Ludwig, *Philosophical Investigations*. 3st. ed. Tradução de Anscombe, G.E. M., Oxford: Blackwell Publishing, 1986.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Tradução: José Carlos Bruni. São Paulo: Nova Cultural, 2000.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Zettel*. Tradução: Ana Berhan da Costa, Revisão de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, Basil Blackwell, [1967] 1981.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *O Livro Azul*. Tradução: Jorge Mendes. Lisboa: Edições 70, 2018.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *The Blue and Brown Books*. [New York]: Harper Torchbooks, 1965.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Tratado Lógico-Filosófico*; Investigações Filosóficas. 4ª ed. Tradução e Prefácio de M. S. Lourenço. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.